

**TATIANA INÊS SOARES CARVALHAL**

**PADRÕES DE COMUNICAÇÃO EM CASAIS:  
AVALIAÇÃO POR QUESTIONÁRIO E  
COMPARAÇÃO DO ENVOLVIMENTO EM PAPÉIS  
COMPLEMENTARES POR GÉNERO**

**Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bárbara Nazaré**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**2.º ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde**

**Lisboa,**

**2019**

**TATIANA INÊS SOARES CARVALHAL**

**PADRÕES DE COMUNICAÇÃO EM CASAIS:  
AVALIAÇÃO POR QUESTIONÁRIO E  
COMPARAÇÃO DO ENVOLVIMENTO EM PAPÉIS  
COMPLEMENTARES POR GÉNERO**

Dissertação defendida em prova pública para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 19 de Julho de 2019 perante o júri nomeado pelo Despacho Reitoral n.º 183/2019 com a seguinte composição:

Presidente: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel dos Santos

Arguente: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Prioste

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Doutora Bárbara Nazaré

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**2.º ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde**

**Lisboa,**

**2019**

## **Agradecimentos**

Os agradecimentos citos nesta página são destinados a todos aqueles que, direta ou indiretamente, me apoiaram, ajudaram, orientaram e fizeram parte, não apenas do meu ano letivo de dissertação, mas também de todo o percurso que precedeu este momento tão importante para mim.

Primeiramente, faço um especial agradecimento à minha orientadora de dissertação da universidade Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bárbara Nazaré que, ao longo de todo este ano, sempre esteve disponível para esclarecimento de dúvidas, não apenas em horário de aula, e pelo forte incentivo que me permitiu alcançar melhores resultados. Além disso, agradeço o facto de, através da sua dedicação, me ter despertado o interesse pela investigação científica e impulsionado novas metas no meu percurso laboral, académico e pessoal.

Agradeço a um dos autores originais do instrumento em avaliação, Andrew Christensen, que se mostrou disponível e deu o seu parecer, quando contactado, acerca de dúvidas decorrentes no presente estudo.

Agradeço à minha Mãe (mesmo já não estando presente) e ao meu Pai que, através do amor incondicional que me têm, não desistiram de mim, continuando a proporcionar-me acesso aos estudos mesmo após vários anos de “tentativa-erro” e baixo comprometimento da minha parte. Além do apoio financeiro, agradeço também o apoio emocional e encorajamento que, em períodos de maior angústia e fragilidade, foram fundamentais para a prossecução de todo o meu percurso académico.

Agradeço às minhas colegas Margarida Silva e Maria José Chaskelmann que, através da amizade, colaboração e compreensão, permitiram que este ano e os momentos de seminário fizessem parte de uma experiência positiva na minha vida, caracterizada pela harmonia e alegria no ambiente de trabalho.

Aos meus queridos amigos Sónia Soares, Jessica Runte Oliveira, Catarina Monteiro, Mafalda Soveral, Ana Clara Fróes e Manuel Rio Carvalho que, através do carinho, simpatia, amizade, convívio, ou partilha de experiências e conhecimentos, contribuíram para o desenvolvimento eficaz da dissertação, bem como para o apoio emocional em momentos de maior ansiedade associados à mesma.

## **Resumo**

Existem dois tipos de padrões comunicacionais característicos das interações conjugais: complementares e simétricos. No primeiro grupo, o foco tem sido atribuído aos papéis exigir/afastar e, no segundo grupo, à comunicação construtiva mútua e ao evitamento mútuo. O Questionário de Padrões de Comunicação – Versão Curta (QPC-VC), de Christensen e Heavey, pretende avaliar os padrões de comunicação diádicos em casais.

O presente estudo explorou a estrutura fatorial e as características psicométricas da versão portuguesa do QPC-VC numa amostra de 164 mulheres heterossexuais. Adicionalmente, avaliou a perceção do envolvimento em padrões complementares por género, no grupo de mulheres e num grupo de 65 homens heterossexuais.

Foi identificada uma estrutura fatorial diferente da original, composta por três subescalas: Padrões Simétricos Positivos, Padrões Alternados Negativos e Padrões Complementares Negativos. O instrumento mostrou boa validade de construto, convergente, divergente e discriminante e boa consistência interna. Relativamente às perceções, as mulheres identificaram diferenças de género no padrão iniciar/evitar a discussão e os homens nos padrões exigir/afastar e criticar/defender. Em todos os padrões, o primeiro comportamento foi significativamente mais identificado nas mulheres e o segundo nos homens.

A associação entre os padrões de comunicação e o ajustamento diádico deve ser tida em conta nas intervenções terapêuticas com casais.

**Palavras chave:** Padrões de comunicação; exigir/afastar; estudos psicométricos; interações conjugais; género

## **Abstract**

There are two types of communication patterns in marital interactions: complementary and symmetrical. In the first group, the focus has been in assigned to the demand/withdraw roles and, in the second group, in mutual constructive communication and mutual avoidance. Christensen and Heavey's Communication Pattern Questionnaire - Short Version (CPQ-SV) aims to assess dyadic communication patterns in couples.

The present study explored the factor structure and psychometric characteristics of the Portuguese version of CPQ-SV in a sample of 164 heterosexual women. Additionally, it evaluated the perception of involvement in complementary patterns by gender, in the group of women and in a group of 65 heterosexual men.

The factorial structure was different from the original, composed of three subscales: Positive Symmetrical Patterns, Negative Alternate Patterns and Negative Complementary Patterns. The questionnaire showed good construct, convergent, divergent and discriminant validity, and good internal consistency. Concerning the perceptions, women identified gender differences in the pattern of initiate/avoid discussion and men in demand/withdraw and criticize/defend standards patterns. In all patterns, the first behavior was significantly more identified in women and the second in men.

The association between communication patterns and dyadic adjustment should be considered in therapeutic interventions with couples.

**Keywords:** Communication patterns; demand/withdraw; psychometric studies; marital interactions; gender

## **Índice**

<b><i>Introdução</i></b> .....	<b>8</b>
Padrões de Comunicação Simétricos .....	10
Padrões de Comunicação Complementares .....	11
Questionário de Padrões de Comunicação -Versão Curta .....	13
<b><i>Método</i></b> .....	<b>16</b>
Procedimento .....	16
Participantes .....	17
Medidas .....	17
<b><i>Resultados</i></b> .....	<b>19</b>
Estudos Psicométricos.....	19
Comparação das Perceções dos Padrões Complementares por Géneros .....	24
<b><i>Discussão</i></b> .....	<b>25</b>
<b><i>Referências</i></b> .....	<b>31</b>
<b><i>Anexos</i></b> .....	<b>39</b>

## **Índice de Quadros**

<i>Quadro 1 – Modelos Testados na Análise Fatorial Confirmatória de Futris et al (2010) .....</i>	<b>15</b>
<i>Quadro 2 – Valores de Saturação e Comunalidades dos Itens do QPC-VC .....</i>	<b>20</b>
<i>Quadro 3 – Coeficientes de Correlação entre o QPC-VC, a EAD-R e o QEA .....</i>	<b>21</b>
<i>Quadro 4 – Comparação dos Grupos da EPOCE no QPC-VC .....</i>	<b>22</b>
<i>Quadro 5 – Correlações Item-Total Corrigidas e Valores de <math>\alpha</math> de Cronbach Excluindo cada Item para o QPC-VC .....</i>	<b>22</b>
<i>Quadro 6 – Estatísticas Descritivas dos Itens do QPC-VC .....</i>	<b>23</b>
<i>Quadro 7 – Estatísticas Descritivas dos Fatores do QPC-VC .....</i>	<b>24</b>
<i>Quadro 8 – Comparação das Perceções dos Padrões Complementares (Mulheres).....</i>	<b>24</b>
<i>Quadro 9 – Comparação das Perceções dos Padrões Complementares (Homens).....</i>	<b>25</b>

## **Introdução**

Os padrões de comunicação diádicos correspondem às sequências interacionais repetidas por um casal durante um período de tempo (Sullaway & Christensen, 1983). Estes padrões têm sido alvo de diversas investigações desde os anos 60 (Watzlawick, Beavin, & Jackson, 1967), devido à necessidade de compreender e solucionar as problemáticas quotidianas apresentadas pelos casais (Crenshaw, Christensen, Baucom, Epstein, & Baucom, 2016; Gottman, 1979) e para avaliar a sua influência no término dos relacionamentos (Caughlin & Huston, 2002; Christensen & Heavey, 1990; Gottman & Levenson, 2000). As associações consistentes que se têm verificado entre os padrões de comunicação e a sintomatologia psicopatológica, o mal-estar físico (Gottman, 1994; Li & Johnson, 2016; Reznik, Miller, Roloff, & Gaze, 2015) e a angústia relacional (Uebelacker, Courtnage, & Whisman, 2003), bem como o mal-estar físico e psicológico das crianças envolvidas na interação (Arias & Punyanunt-Carter, 2017; Gottman, 1994; Meeusen, 2014; Reznik et al., 2015), têm sido também determinantes para o progresso deste campo.

Adicionalmente, estes padrões têm sido alvo de investigação por influenciarem o desenvolvimento da relação, a satisfação individual de cada um dos elementos do casal e a satisfação conjugal (Dovala, Hawrilenko, & Cordova, 2018; Gasbarrini et al., 2015; Goldsmith & Domann-Scholz, 2013; Rehman & Hotzworth, 2008; Watzlawick, Bavelas, & Jackson, 2014; Yoo, Bartle-Haring, Dayb, & Gangammac, 2013). Canary e Stafford (1994) identificaram cinco comportamentos interpessoais que auxiliam a manter a estabilidade e a satisfação conjugal: (1) a positividade, que consiste em evitar o criticismo e adotar comportamentos que estimulem sentimentos positivos; (2) a abertura, referente à comunicação aberta que promova o reconhecimento, a negociação e a reafirmação (Aguiar, Matias, Barham, Fontaine, & Del Prette, 2018; Caughlin & Huston, 2002; Feeney & Karantzas, 2017; Yoo et al., 2013); (3) a segurança, promovendo diálogos sobre o futuro da relação; (4) passar tempo com a rede de amigos e família; e (5) a partilha de tarefas.

Sabe-se que a comunicação aberta e a positividade permitem encontrar uma solução ou compromisso que levará a uma resposta adaptativa ao conflito que, por sua vez, leva à satisfação e estabilidade do relacionamento (Christensen & Eldridge, 2009; Dovala et al., 2018; Gasbarrini et al., 2015; Goldsmith & Domann-Scholz, 2013; Lavner, Karney, & Bradbury, 2016; Tavakolizadeh, Nejatian, & Soori, 2015; Yoo et al., 2013). Por outro lado, dificuldades de comunicar e padrões de comunicação negativos levam a insatisfação conjugal e dificuldade de

intimidade (Bernecker & Brandstatter, 2019; Christensen & Eldridge, 2009; Doss, Simpson, & Christensen, 2004; Lavner et al., 2016; Liu & Roloff, 2015; Watzlawick et al., 2014), comportando insegurança para os parceiros (Yoo et al., 2013).

Gottman quis compreender e prever, através de estudos longitudinais, as trajetórias conjugais e o modo de funcionamento das relações. Neste sentido, os seus estudos exploraram como as relações funcionavam e/ou falhavam, como os casais se adaptavam às transições de vida como a parentalidade, meia idade e reforma, e como eram as interações diádicas dos casais (Gottman & Gottman, 2015). O autor concluiu que: a maioria dos conflitos não tem resolução e é perpetuada devido às diferenças de personalidade dos elementos do casal; a perpetuação do conflito está associada à escalada de afetos negativos (Gottman & Gottman, 2015; Gottman & Levenson, 1988); os padrões de interação de ausência de afetos positivos durante o conflito são destrutivos; para construir uma relação positiva, é necessário aumentar os níveis de intimidade, amizade e afetos positivos entre o casal (Gottman & Gottman, 2015); e que a comunicação disfuncional é preditora do conflito conjugal que, por sua vez, resulta em baixos níveis de satisfação conjugal (Gottman & Krokoff, 1989; Gottman, Coan, Carrere, & Swanson, 1998), podendo levar ao divórcio (Gottman, 1994; Gottman & Gottman, 2015; Gottman & Levenson, 1988; Gottman & Levenson, 2000).

Watzlawick, Beavin e Jackson (1967) foram pioneiros no estudo da comunicação humana, constatando que todo o comportamento em situação de interação tem valor de mensagem e que problemas a nível das funções de comunicação interpessoal poderiam resultar em problemas psicopatológicos e de comportamento. Neste sentido, os autores identificaram dois tipos de comunicação: a comunicação funcional, a qual possibilita a aproximação dos parceiros, e a comunicação disfuncional/patológica, que afasta os indivíduos. Para melhor perceber estes dois níveis, os mesmos autores distinguiram cinco axiomas da comunicação humana, focando: a impossibilidade de não comunicar; o conteúdo e níveis de relação da comunicação; a pontuação das sequências comunicacionais entre os comunicantes; os códigos de comunicação analógicos e digitais; e a simetria e a complementaridade.

Especificamente nas dinâmicas familiares e conjugais, a maioria dos estudos tende a utilizar a concetualização relativa à simetria e complementaridade dos padrões comunicacionais, como meio de análise dos fatores que contribuem para a manutenção ou deterioração da relação amorosa (Schrodt, Witt, & Shimkowski, 2014; Sullaway & Christensen, 1983; Watzlawick et al., 2014). A simetria é referente às trocas com o mesmo nível de poder

entre os parceiros (Watzlawick, 2012) e à tendência que os parceiros da relação diádica têm para espelhar os comportamentos um do outro, minimizando as diferenças existentes. A complementaridade de papéis refere-se ao comportamento que cada parceiro assume e que complementa a interação do outro. Normalmente, esta interação é baseada nas diferenças de poder e na aceitação dessas diferenças (Watzlawick, 2012). No entanto, este padrão não é imposto por nenhum dos parceiros, ocorrendo naturalmente entre eles, sendo que um dos elementos interage de forma a requerer o comportamento do outro (Watzlawick et al., 2014).

Para Watzlawick et al. (1967; 2014), em sentido lato, a comunicação humana saudável deveria equilibrar-se simultaneamente ou alternadamente entre a simetria e a complementaridade.

### **Padrões de Comunicação Simétricos**

Estes padrões têm-se revelado característicos das relações românticas (Caughlin & Huston, 2002). Contudo, quando a simetria referente aos papéis semelhantes que os indivíduos assumem durante as sequências comunicacionais (Christensen & Shenk, 1991; Sullaway & Christensen, 1983; Watzlawick et al., 2014) é muito rígida, pode levar a um padrão comunicacional patológico, no qual existe uma escalada simétrica onde os indivíduos deixam de se reconhecer como semelhantes, resultando maioritariamente em rejeição. O conceito de rejeição proposto por Watzlawick et al. (2014) não nega a realidade da mensagem do transmissor; no entanto, o reconhecimento da mesma é limitado. Segundo o mesmo autor, a rejeição pode ser percebida como construtiva quando, por exemplo, leva o recetor à procura de novas fontes de informação (e.g. não aceitar a opinião do parceiro na totalidade, procurando opiniões de outras pessoas).

Nos padrões simétricos, os padrões de comunicação construtiva mútua e evitamento mútuo têm sido os mais investigados (Feeney & Karantzas, 2017; Futris, Campbell, Nielsen, & Bruwell, 2010). O primeiro refere-se a comportamentos positivos que visam promover uma abordagem colaborativa entre os elementos do casal, potenciando a resolução de problemas e estimulando a confiança e a compreensão, constituindo uma resposta adaptativa ao conflito e estando fortemente associada a altos níveis de satisfação conjugal (Baucom, Baucom, & Christensen, 2015; Crenshaw et al., 2016; Feeney & Karantzas, 2017; Sullaway & Christensen, 1983). O segundo padrão descreve o processo em que os dois elementos da relação evitam totalmente o conflito, usando estratégias como o afastamento ou silêncio. A utilização excessiva

deste padrão está positivamente ligada à insatisfação com o relacionamento (Crenshaw et al., 2016; Feeney & Karantzas, 2017). Adicionalmente, um estudo recente mostrou que quanto mais os parceiros demonstravam um padrão de afastamento, menos estavam envolvidos positivamente um com o outro (Bernecker & Brandstatter, 2019).

### **Padrões de Comunicação Complementares**

Nos padrões complementares, tem sido dado destaque ao padrão comunicacional de exigir/afastar (Christensen & Shenk, 1991; Futris et al., 2010; Heavey, Layne, & Christensen, 1993; Holley, Haase, Chui, & Bloch, 2017; Schrodts et al., 2014), identificado originalmente por Wile (1981; citado em Christensen, 1988), no qual, enquanto um elemento do casal inicia a discussão, o outro afasta-se, evitando o confronto.

Múltiplos estudos sobre o padrão exigir/afastar têm constatado que este é característico de comportamentos conflituosos nas interações conjugais (Campbell, Renshaw, & Klein, 2017; Schrodts et al., 2014), revelando-se prejudicial ao bom funcionamento da relação (Baucom et al., 2015; Christensen, Eldridge, Jones, Sevier, & Attkins, 2007) e estando fortemente associado à insatisfação conjugal, divórcio (Burrell, Kartch, Allen, & Hill, 2014; Caughlin & Huston, 2002; Christensen & Eldridge, 2009; Christensen & Shenk, 1991; Ebrahimia & Kimiaei, 2014) e violência doméstica (Pickover et al., 2017). Jacobson e Christensen (1996) desenvolveram a teoria da polarização, segundo a qual, o padrão exigir/afastar é considerado um padrão de interação cíclico, onde os comportamentos de ambos parceiros se influenciam mutuamente, funcionando como precipitantes dos comportamentos um do outro. A polarização ocorre quando os parceiros, durante as sequências interacionais, intensificam o seu comportamento, na medida em que tentam resolver os conflitos mantendo o seu comportamento no extremo de cada polo do padrão (Baucom et al., 2015). Este fenómeno contribui para o aumento da reatividade emocional do elemento do casal envolvido no padrão exigir que, por sua vez, pela excitação emocional e pressão colocada, pode gerar o afastamento do outro elemento do casal (Baucom et al., 2015; Gottman & Levenson, 1988; Hinnekens, Ickes, Schryver, & Verhofstadt, 2015).

Numa análise individual aos dois polos do padrão exigir/afastar, o padrão exigir – caracterizado por repetidas acusações, ataques, pressão para contacto, reclamações e crítica – surge consistentemente relacionado com maior necessidade de mudança, proximidade e intimidade e como impulsionador do padrão de afastamento (Baucom et al., 2015; Christensen,

1988; Hinnekens et al., 2015). O padrão afastar, por sua vez, constitui um esforço para evitar as mudanças, através da mudança de assunto ou da recusa em responder (Christensen, 1988; Watzlawick et al., 2014) associando-se maioritariamente à falta de comprometimento (Baucom et al., 2015; Christensen, 1988; Christensen & Heavey, 1990; Liu & Roloff, 2015). Não obstante, o padrão afastar pode também ser uma tentativa de evitar o conflito, para proteção dos laços afetivos e do relacionamento (Liu & Roloff, 2015; Palomares & Derman, 2016). Sucintamente, a probabilidade de apresentar o padrão exigir/afastar é aumentada em casais com dificuldades no seu relacionamento (Schrodt et al., 2014) e a polarização dos comportamentos, ocorre quando os desejos de cada elemento do casal (e.g., maior proximidade, intimidade, mudança e autonomia) são díspares, enraizando o comportamento em polos opostos deste padrão e tornando a mudança cada vez mais difícil (Christensen, 1988; Heavey, Christensen, & Malamuth, 1995).

#### *Diferenças entre Gênero no Padrão Exigir/Afastar*

Vários investigadores têm feito comparações de gênero neste padrão comunicacional, concluindo que as mulheres tendem mais a exigir, enquanto os homens tendem maioritariamente a afastar-se (Christensen, 1988; Christensen & Heavey, 1990; Vanhee, Lemmes, Stas, Loyes, & Verhofstad, 2016). Gottman e Levenson (1988; 2000) justificaram este fenómeno com diferenças fisiológicas: dado os homens apresentarem maior reatividade física, o que os leva a reagir mais agressivamente ao conflito, preferem afastar-se, na tentativa de reduzir a sua reatividade emocional. Adicionalmente, as diferenças ao nível social e da estrutura conjugal também justificam as diferenças de gêneros (Christensen et al., 2007; Schrodt et al., 2014). Socialmente os homens são incentivados a ser mais independentes e menos expressivos (Tannen, 2012), enquanto as mulheres, dado terem mais referências emocionais e relacionais, são incentivadas a ser mais expressivas e a desenvolver a sua identidade no contexto dos relacionamentos e emoções (Feiring, Milaniak, Simon, & Clisura, 2017; Tannen, 2012). Neste sentido, as mulheres tendem a desejar mais proximidade e intimidade, e os homens mais autonomia e menos expressão de emoções (Christensen, 1988; Christensen & Heavey, 1990; Hess, Shlomo & Shlomo, 2016; Tannen, 2012).

Na sociedade contemporânea, os homens continuam a deter melhor posição, mais poder e maiores benefícios na relação conjugal, uma vez que as mulheres continuam a ter maior responsabilidade pelas tarefas domésticas e cuidado dos filhos, para além das suas obrigações

laborais (Knight & Alberts, 2018; Matias, Andrade, & Fontaine, 2016; Sayers & Baucom, 1991; Schrodt et al., 2014). Dada as desigualdades sociais, a sobrecarga de tarefas sentida pelas mulheres e o afastamento dos parceiros, estas tendem a desenvolver insatisfação e angústia que as induzem a exigir mais mudança dos seus parceiros (Christensen & Eldridge, 2009; Matias et al., 2016; Gottman e Krokoff, 1989; Jacobson & Christensen 1996; Sayers & Baucom, 1991; Schrodt et al., 2014), enquanto os homens se afastam, numa tentativa de resistir à mudança para preservar a sua posição vantajosa (Christensen, 1988; Jacobson & Christensen, 1996).

O padrão exigir/afastar é preditor de depressão (Li & Johnson, 2016; Rehman, Ginting, Karimiha, & Goodnight, 2010; Uebelacker et al., 2003), principalmente em mulheres no polo exigir (Uebelacker et al., 2003); também se verifica nos homens, pois os sintomas depressivos têm forte associação com o padrão afastar (Holley et al., 2017; Moreira, Lind, & Santos, 2006).

#### *Perceções dos Padrões Complementares por Género*

Alguns estudos têm demonstrado que os dois elementos do casal estão motivados para compreender as perceções um do outro, uma vez que estas são identificadas como um fator facilitador das interações diárias entre casais (Donato et al., 2015). Sabe-se também que ambos os géneros têm a perceção de que as mulheres são mais abertas à expressão dos seus sentimentos que os parceiros (Hess et al., 2000; Houck & Daniel, 1994). No entanto, ainda são poucos os estudos focados nestas comparações.

Especificamente sobre o padrão exigir/afastar, sabe-se que os elementos do casal reconhecem a existência do mesmo (Schrodt et al., 2014), mas não encontramos estudos sobre as perceções que ambos os géneros têm relativamente ao seu envolvimento no padrão.

Adicionalmente, através de diversos estudos sobre as perceções conjugais de diversas variáveis (e.g., estilos de afiliação), percebemos que a existência de diferenças nas perceções entre géneros são um fator que influencia a satisfação conjugal, tornando-se fundamental aprofundar os estudos nesta área (Gadassi et al., 2015; Molero, Shaver, Fernández, Alonso-Arbiol, & Recio, 2016; Overall, Simpson, Fletcher, & Fillo, 2015). Por exemplo, no estudo de Molero e colaboradores (2016), tanto o padrão de afastamento como a perceção de que o parceiro se está a afastar associaram-se negativamente à satisfação conjugal, tendo este um efeito mais negativo na satisfação conjugal percebida pela mulher.

#### **Questionário de Padrões de Comunicação -Versão Curta**

Os modelos que compreendem a comunicação humana (Watzlawick et al., 1967) e os modelos focados nas problemáticas conjugais (Gottman, 1979) serviram de base ao desenvolvimento do Questionário de Padrões de Comunicação (QPC).

Christensen e Sullaway (citados em Futris et al., 2010) desenvolveram o QPC, uma medida de 35 itens para analisar detalhadamente os padrões comunicacionais dos casais em três momentos: quando surge um conflito, durante o conflito e após o conflito terminar. Esta primeira versão foi alvo de diversas propostas relativas à estrutura fatorial; contudo, a complementaridade de papéis e/ou a simetria dos mesmos estiveram na base de todas as interpretações (Futris et al., 2010). Primeiramente, Christensen (citado em Futris et al., 2010) propôs uma estrutura com três subescalas: (1) Comunicação Exigir/Afastar, onde um dos elementos do casal inicia a discussão, exige, critica e reclama, enquanto o outro evita ou se afasta; (2) Papéis Exigir/Afastar, identificando os padrões de gênero para o padrão Exigir/Afastar; e (3) Comunicação Construtiva Mútua. Mais tarde, Christensen e Shenk (1991) propuseram uma nova organização que integrava os papéis específicos de gênero e estruturaram o instrumento em três subescalas: Comunicação Construtiva Mútua, Comunicação Exigir/Afastar e Evitamento Mútuo. A subescala Comunicação Exigir/Afastar integrou dois padrões específicos, Mulher Exige/Homem Afasta e Homem Exige/Mulher Afasta.

Posteriormente, Christensen e Heavey (citados em Futris et al., 2010) produziram uma versão curta deste questionário (QPC-VC), composta por 11 itens, que incluía padrões de interação complementares e simétricos organizados em quatro subescalas: (1) Mulher Exige/Homem Afasta; (2) Homem Exige/Mulher Afasta; (3) Total Exigir/Afastar; e (4) Interações Positivas Gerais. Para os padrões complementares, foram consideradas as três primeiras escalas, compostas por seis itens que contemplam os padrões discutir/evitar, exigir/afastar e criticar/defender (Futris et al. 2010). Os padrões de interação simétricos constituem a quarta subescala e contemplam a discussão mútua, a negociação mútua e a mútua expressão de sentimentos. Ainda no âmbito dos padrões de interação simétricos, a escala inclui dois itens referentes à culpa mútua e ao evitamento mútuo; contudo, estes não foram incluídos em nenhuma das quatro subescalas anteriores (Futris, et al., 2010).

Futris e colaboradores (2010) propuseram e testaram uma estrutura fatorial alternativa com três subescalas: Criticar/Defender, Exigir/Afastar e Interações Positivas Gerais. O fator Criticar/Defender foi incluído por apresentar características que originam e mantêm o conflito, mas não constituir um padrão de destruição que gere afastamento emocional e/ou físico da

interação. Segundo os autores, esta distinção pode ajudar na avaliação da intensidade da negatividade nas interações conjugais, dado que o afastamento é o comportamento mais extremo. Este mesmo estudo constitui a mais recente avaliação e revisão das propriedades psicométricas do QPC-VC de que temos conhecimento. Com base na análise fatorial confirmatória, onde foram comparados os cinco modelos apresentados no Quadro 1, os dois modelos propostos pelos autores originais não foram suportados e apenas os modelos 3 e 4, propostos por Futris et al. (2010), se revelaram adequados. Na subescala Interações Positivas Gerais, a consistência interna foi de 0,61, considerada indesejável; na subescala Criticar/Defender a consistência interna foi de 0,83, classificada como muito boa, e na subescala Exigir/Afastar, foi de 0,71, considerada respeitável (DeVellis, 2017; Futris et al., 2010).

#### Quadro 1

##### *Modelos Testados na Análise Fatorial Confirmatória de Futris et al. (2010)*

Item	M1 <sup>a</sup>	M2 <sup>b</sup>	M3 <sup>c</sup>	M4 <sup>d</sup>	M5 <sup>e</sup>
1. Tanto eu como o/a meu/minha companheiro/a evitamos discutir o problema.			E/A	E/A	E/A
2. Tanto eu como o/a meu/minha companheiro/a tentamos discutir o problema.	IPG	IPG	IPG	IPG	IPG
3. Eu tento iniciar uma discussão sobre o problema, enquanto o/a meu/minha companheiro/a tenta evitá-la.	ME/HA	T E/A	E/A	E/A	E/A
4. O/a meu/minha companheiro/a tenta iniciar uma discussão sobre o problema, enquanto eu tento evitá-la.	HE/MA	T E/A	E/A	E/A	E/A
5. Tanto eu como o/a meu/minha companheiro/a expressamos os nossos sentimentos um ao outro.	IPG	IPG	IPG	IPG	IPG
6. Tanto eu como o/a meu/minha companheiro/a nos culpamos, acusamos e criticamos um ao outro.			C/D	C/D	C/D
7. Tanto eu como o/a meu/minha companheiro/a sugerimos possíveis soluções e cedências.	IPG	IPG	IPG	IPG	IPG
8. Eu reclamo e faço exigências, enquanto o/a meu/minha companheiro/a se afasta, fica calado/a ou se recusa a continuar a discutir o assunto.	ME/HA	T E/A	E/A	C/D e E/A	
9. O/a meu/minha companheiro/a reclama e faz exigências, enquanto eu me afasto, fico calado/a ou me recuso a continuar a discutir o assunto.	HE/MA	T E/A	E/A	C/D e E/A	

10. Eu critico, enquanto o/a meu/minha companheiro/a se defende.	ME/HA T E/A	T E/A	C/D	C/D	C/D
11. O/a meu/minha companheiro/a critica, enquanto eu me defendo.	HE/MA T E/A	T E/A	C/D	C/D	C/D

*Nota.* C/D = Criticar/Defender; E/A = Exigir/Afastar; IPG = Interações Positivas Gerais; HE/MA = Homem Exige/Mulher Afasta; ME/HA = Mulher Exige/Homem Afasta; T E/A = Total Exigir/Afastar.

<sup>a</sup> Modelo 1 (Christensen e Heavey, citados em Futris et al., 2010): 9 itens organizados em três fatores: IPG, ME/HA, ME/HA.

<sup>b</sup> Modelo 2 (Christensen e Heavey, citados em Futris et al., 2010): 9 itens organizados em dois fatores: T E/A e IPG. <sup>c</sup> Modelo 3 (Futris et al., 2010) : 11 itens organizados em três fatores: IPG, E/A, C/D. <sup>d</sup> Modelo 4 (Futris et al., 2010): 11 itens – itens 8 e 9 com dupla saturação – organizados em três fatores: IPG, E/A e C/D. <sup>e</sup> Modelo 5 (Futris et al., 2010): 9 itens – itens 8 e 9 retirados – organizados em três fatores: IPG, E/A e C/D.

Dada a relevância dos padrões de comunicação para as relações conjugais, o presente estudo teve como objetivos avaliar as características psicométricas da versão portuguesa do QPC-VC e comparar as perceções de cada género sobre o envolvimento nos padrões de comunicação diádicos complementares.

## Método

### Procedimento

O presente estudo foi realizado com a aprovação da Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica da Escola de Psicologia e Ciências da Vida, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Primeiramente, contactámos Andrew Christensen, um dos autores da versão original do QPC, que deu autorização para a adaptação do questionário para português. O QPC-VC foi traduzido por duas psicólogas com experiência na adaptação de instrumentos: cada uma traduziu o instrumento separadamente; posteriormente, compararam as duas versões e desenvolveram a versão final do questionário.

O protocolo de avaliação do estudo foi disponibilizado numa plataforma de preenchimento online (Typeform) cujo link foi divulgado através de redes sociais, entre janeiro de 2018 e janeiro de 2019.

Tratou-se de uma amostra de conveniência. Os participantes que aceitaram participar no estudo leram o consentimento informado e foram instruídos a responder às medidas apresentadas, de acordo com a sua relação amorosa e com algumas características suas.

Todas as análises estatísticas foram realizadas através do SPSS. Para o primeiro objetivo

foram usados: análise de componentes principais (ACP) para avaliar a validade de construto (Costello & Osborne, 2005); coeficientes de correlação de Pearson, para avaliar a validade convergente com uma medida de um construto relacionado, e a validade divergente com uma medida de um construto distinto; o teste *t* de Student para amostras independentes para avaliar a validade discriminante; o alfa de Cronbach e a correlação item-total corrigida, para analisar a fidelidade; e estatísticas descritivas, para avaliar a distribuição e sensibilidade dos fatores e dos itens do QPC-VC. Para o segundo objetivo, foi usado o teste *t* de Student para amostras emparelhadas.

## **Participantes**

Os critérios de inclusão da amostra foram: 1) estar num relacionamento amoroso heterossexual, 2) ter 18 anos ou mais e 3) ser português.

Das 254 pessoas que responderam ao protocolo de avaliação, foram excluídas 25 por não cumprirem critérios de inclusão: três não cumpriam o critério relativo à nacionalidade; cinco não mantinham um relacionamento amoroso e 17 estavam num relacionamento homossexual.

Deste modo, a amostra final foi composta por 229 participantes, sendo 164 mulheres (71,6%) e 65 homens (28,4%). Os participantes tinham uma média de 33,01 anos de idade ( $DP = 9,93$ ). Relativamente à formação, a média foi de 14,99 anos de escolaridade ( $DP = 3,49$ ). Sessenta e dois por cento ( $n = 166$ ) dos participantes eram trabalhadores, 13,1% ( $n = 30$ ) estudantes, 7,9% ( $n = 18$ ) trabalhadores-estudantes e 5,7% ( $n = 13$ ) desempregados, maioritariamente pertencentes ao distrito de Lisboa (61%,  $n = 140$ ). Do total dos participantes, 13% ( $n = 29$ ) tinham diagnóstico de doença física ou psiquiátrica e 18,8% ( $n = 43$ ) recebem ou já receberam acompanhamento psicológico ou psiquiátrico.

Relativamente ao relacionamento amoroso, a duração média foi de cinco anos ( $DP = 7$ ), variando de 1 mês a 35 anos. Setenta e dois por cento ( $n = 166$ ) dos participantes viviam com o companheiro e 60% ( $n = 139$ ) não tinham filhos. Um por cento ( $n = 3$ ) da amostra já recebeu terapia conjugal.

## **Medidas**

*Questionário sociodemográfico e clínico.* Utilizado para obter informações relativas ao sexo, idade, nacionalidade, anos de escolaridade, situação profissional, estado civil, agregado

familiar, número de filhos, duração do relacionamento, orientação sexual e história médica.

*QPC-VC* (Christensen & Heavey, citados em Futris et al., 2010). A escala contém 11 itens (cf. Quadro 1) e uma escala de Likert de 9 pontos, sendo solicitado aos participantes que indiquem a probabilidade de interagir com o companheiro de determinada maneira ao discutir um problema no relacionamento (de 1 – *Muito improvável* a 9 – *Muito provável*).

*Questionário de Estilos Afetivos* (QEA; Hofmann & Kashdan, 2009; adaptação portuguesa em curso). Este questionário é composto por 20 itens que medem as diferenças individuais na regulação emocional através de uma escala de Likert de 5 pontos que varia entre 1 – *Nada verdadeiro para mim* a 5 – *Extremamente verdadeiro para mim*. O instrumento organiza-se em três subescalas que pretendem avaliar os diferentes estilos afetivos encontrados na literatura: Ocultar, Ajustar e Tolerar. A cotação da escala é feita através da soma dos itens correspondentes a cada fator, com resultados mais elevados a refletir a preferência por um dado estilo afetivo. As duas primeiras subescalas têm apresentado uma consistência interna muito boa ( $\alpha$  entre 0,80 e 0,84), sendo esta indesejável para a subescala Tolerar ( $\alpha = 0,66$ ). Este padrão também se verificou na amostra do estudo: a subescala Tolerar apresentou 0,60 (pelo que não foi utilizada); a subescala Ajustar teve uma consistência interna respeitável (0,79); e a subescala Ocultar apresentou valores muito bons ( $\alpha = 0,84$ ).

*Escala de Ajustamento Diádico – Revista* (EAD-R; Busby, Christensen, Crane, & Larson, 1995; Pereira, Moura-Ramos, Narciso, & Canavarro, 2017). Esta é uma versão curta da Escala de Ajustamento Diádico (Spanier, 1976). É composta por 14 itens que avaliam o ajustamento relacional, considerando três fatores: (1) Consenso (em termos de tomada de decisão); (2) Satisfação (em termos de estabilidade e regulação de conflitos); e (3) Coesão (em termos de frequência de atividades e discussão). Os participantes avaliam determinados aspetos do seu relacionamento numa escala de Likert de 5 ou 6 pontos, que pode ser de concordância ou de frequência. As pontuações variam entre 0 e 69, sendo que pontuações mais elevadas indicam maior satisfação no relacionamento e resultados menores indicam maior sofrimento no relacionamento. A recente adaptação para a população portuguesa revelou validade e fidelidade aceitáveis. Na amostra do estudo, a escala total teve uma consistência interna muito boa ( $\alpha = 0,85$ ) e as restantes subescalas tiveram uma consistência interna respeitável (Consenso:  $\alpha = 0,75$ , Satisfação:  $\alpha = 0,77$  e Coesão:  $\alpha = 0,75$ ; DeVellis, 2017).

*Escala de Perdão de Ofensas Conjugais Específicas* (EPOCE; Fincham, Paleari, & Regalia, 2009; adaptação portuguesa em curso). O questionário é formado por uma pergunta

introdutória, onde era pedido aos participantes que selecionassem um comportamento do companheiro que lhes tenha causado bastante mágoa. Caso os participantes não identificassem nenhum comportamento, o restante questionário não era preenchido, o que nos permitiu formar os grupos para a análise da validade discriminante. A EPOCE contém 10 itens que descrevem a forma como os indivíduos se sentem, pensam e comportam atualmente face ao comportamento selecionado. Para responder a este questionário, os participantes devem indicar até que ponto concordam ou discordam de cada afirmação, usando uma escala de Likert de 6 pontos, que varia entre *Discordo totalmente* e *Concordo totalmente*. Este instrumento apresentou, na versão original, boas qualidades psicométricas. Na nossa amostra, a subescala Ressentimento – Evitamento apresentou muito boa consistência interna ( $\alpha = 0,86$ ) e a subescala Benevolência uma respeitável consistência interna ( $\alpha = 0,78$ ; DeVellis, 2017).

## **Resultados**

### **Estudos Psicométricos**

Na conceitualização original dos itens, um determinado fator (e.g., ME/HA) é composto por diferentes itens, consoante estes sejam respondidos por mulheres heterossexuais (e.g., 4, 9 e 11) ou homens heterossexuais (e.g., 3, 8, e 10; cf. Quadro 1), pelo que a interpretação do item depende de quem o preenche. Por exemplo, o item 10 (“Durante uma discussão sobre um problema na nossa relação, eu critico, enquanto o meu companheiro (a) se defende”) pertencerá ao fator “ME/HA” caso seja respondido por uma mulher heterossexual e ao fator “HE/MA” caso seja respondido por um homem heterossexual, o que impossibilita uma análise fatorial conjunta de homens e mulheres. Uma vez que, no presente estudo, dos 229 participantes elegíveis para a amostra, apenas 28,4% (65 indivíduos) são homens, não realizámos uma análise fatorial com o gênero masculino para a validação do instrumento, dado que o número de participantes era inferior ao critério recomendado (10 participantes por item; Pallant, 2016). Como tal, os resultados que se seguem tiveram por base o grupo de 164 mulheres.

### *Validade de Construto*

Os resultados obtidos no índice Kaiser-Meyer-Olkin ( $KMO = 0,81$ ) e no teste de esfericidade de Bartlett (796,126,  $p < 0,05$ ) demonstraram que existem relações suficientemente fortes entre as variáveis (Howard, 2016).

O método de fatorização foi o de componentes principais, com uma rotação oblíqua

Promax, dada a previsão de que os fatores estejam correlacionados (Marôco, 2010). De acordo com o critério de Kaiser, apenas são considerados fatores com valores próprios superiores a 1 (Field, 2017; Marôco, 2010). Assim, a versão portuguesa do QPC-VC inclui três fatores latentes: o fator 1 explica 40,86% da variância total; o fator 2 explica 15,10% da variância total; e o fator 3 explica 12,92% da variância total, sendo que a variância total explicada cumpre o mínimo recomendado de 50% (Meyers, Gamst, & Guarino, 2017).

No Quadro 2, estão apresentados os valores de saturação de cada item para cada fator. Apesar dos itens 3, 8 e 9 apresentarem valores de saturação superiores a 0,40 em dois fatores (Costello & Osborne, 2005; Meyers et al., 2017), não foram excluídos. A opção de os manter deveu-se ao facto de que cada fator deve incluir, no mínimo, três a quatro itens; adicionalmente, as comunalidades dos três itens estão acima do mínimo recomendado (0,50; Meyers et al., 2017). Estes três itens foram incluídos no fator em que apresentaram valores de saturação mais altos, auxiliando a interpretação desse mesmo fator.

Tendo por base as concetualizações anteriores da escala (cf. Quadro 1), conclui-se que, apesar de algumas semelhanças, não há sobreposição total na estrutura fatorial. Deste modo, propomos novas designações: para o fator 1 (itens 1, 2, 5 e 7), Padrão Simétrico Positivo (PSP); fator 2 (itens, 3, 6, 8, 10 e 11), Padrão Alternado Negativo (PAN); e para o fator 3 (itens 4 e 9), Padrão Complementar Negativo (PCN).

## Quadro 2

### *Valores de Saturação e Comunalidades dos Itens do QPC-VC*

Item	Valores de saturação			Comunalidades
	1	2	3	
5	<b>0,86</b>	-0,36	-0,09	0,74
7	<b>0,82</b>	-0,39	-0,10	0,68
2	<b>0,81</b>	-0,29	-0,34	0,73
1	<b>-0,80</b>	0,32	0,22	0,67
11	-0,29	<b>0,86</b>	0,29	0,78
10	-0,31	<b>0,79</b>	0,17	0,63
6	-0,22	<b>0,77</b>	0,28	0,64
3	-0,50	<b>0,67</b>	-0,14	0,57
8	-0,54	<b>0,67</b>	-0,20	0,63
4	-0,23	0,11	<b>0,83</b>	0,71
9	-0,29	0,42	<b>0,81</b>	0,76

*Nota.* A negrito estão apresentados os valores de saturação mais elevados para cada item.

Os fatores do QPC-VC encontram-se correlacionados: o PSP associou-se negativamente ao PAN ( $r = -0,45, p < 0,001$ ) e ao PCN ( $r = -0,34, p < 0,001$ ), com um efeito médio a grande. Os padrões negativos associaram-se positivamente ( $r = 0,29, p < 0,001$ ), com um efeito pequeno (Meyers et al., 2017).

### *Validade Convergente*

As escalas da EAD-R correlacionam-se negativamente com os fatores PAN e PCN e positivamente com o fator PSP. O tamanho do efeito dessas correlações variou de pequeno a grande, como demonstrado no Quadro 3.

### Quadro 3

*Coefficientes de Correlação entre o QPC-VC, a EAD-R e o QEA*

Itens	PSP	PAN	PCN
EAD-R_Escala completa	0,54***	-0,50***	-0,31***
EAD-R_Consenso	0,42***	-0,39***	-0,22***
EAD-R_Satisfação	0,43***	-0,55***	-0,32***
EAD-R_Coesão	0,48***	-0,35***	-0,23**
QEA_Ocultar	-0,22**	0,03	-0,00
QEA_Ajustar	0,21**	-0,19*	-0,07

\*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

### *Validade Divergente*

A validade divergente foi aferida utilizando duas das três subescalas do QEA. O Quadro 4 demonstra que estas subescalas não se correlacionaram com o QPC-VC ou, quando existiram correlações, foram de efeito pequeno.

### *Validade Discriminante*

A validade discriminante foi avaliada comparando dois grupos: (1) mulheres que responderam à EPOCE (ou seja, tinham sentido bastante mágoa em relação a um dado comportamento do companheiro;  $n = 80$ ) e (2) mulheres que não responderam à EPOCE (mulheres que não tinham sentido bastante mágoa em relação a um dado comportamento do companheiro;  $n = 85$ ). Como se pode ver no Quadro 4, apenas se verificaram diferenças no PAN, fator em que as mulheres que responderam à EPOCE apresentaram uma média significativamente superior à das mulheres que não preencheram a medida.

Quadro 4

*Comparação dos Grupos da EPOCE no QPC-VC*

Fatores QPC-VC	Responderam à	Não responderam à	<i>t</i>	<i>p</i>
	EPOCE	EPOCE		
	<i>M (DP)</i>	<i>M(DP)</i>		
PSP	6,95 (1,74)	7,22 (1,58)	-1,06	0,289
PAN	4,15 (1,92)	3,13 (1,78)	3,54	0,001
PCN	3,00 (1,88)	2,60 (1,86)	1,34	0,180

*Fidelidade*

Relativamente à consistência interna, esta foi muito boa para os fatores PSP ( $\alpha = 0,86$ ) e PAN ( $\alpha = 0,81$ ) e respeitável para o fator PCN ( $\alpha = 0,70$ ; DeVellis, 2017).

O Quadro 6 mostra que todos os itens apresentaram uma correlação item-total corrigida acima de 0,50, indicando uma boa correlação com o construto medido pelos restantes itens (Finch, Immekus, & French, 2016). Relativamente ao  $\alpha$  de Cronbach se o item fosse excluído, a consistência interna de cada fator não iria aumentar com a exclusão de qualquer um dos itens; pelo contrário, iria diminuir.

Quadro 5

*Correlações Item-Total Corrigidas e Valores de  $\alpha$  de Cronbach Excluindo cada Item para o QPC-VC*

Fatores	Itens	Correlação item total corrigida	$\alpha$ de Cronbach se o item fosse excluído
PSP	QPC_1	0,68	0,83
	QPC_2	0,71	0,82
	QPC_5	0,75	0,80
	QPC_7	0,69	0,83
PAN	QPC_3	0,55	0,79
	QPC_6	0,58	0,78
	QPC_8	0,55	0,78
	QPC_10	0,61	0,77
	QPC_11	0,70	0,74
PCN	QPC_4	0,54	.
	QPC_9	0,54	.

### *Sensibilidade*

A sensibilidade tem como finalidade avaliar em que medida os resultados obtidos se encontram distribuídos, diferenciando os indivíduos entre si no construto a avaliar. O Quadro 6 inclui as estatísticas descritivas referentes aos itens do QPC-VC. O teste Kolmogorov-Smirnov indica que a distribuição das respostas aos itens difere da normal (Field, 2017). Relativamente à assimetria e curtose, foi utilizado o critério liberal, considerando desejável que os valores oscilem entre -1 e 1. Os itens 2, 5 e 7 apresentaram uma distribuição assimétrica à esquerda e os itens 1, 4 e 9 uma distribuição assimétrica à direita. No que respeita à curtose, os itens 3 e 6 apresentaram uma distribuição platicúrtica e o item 2 uma distribuição leptocúrtica (Marôco, 2010).

### Quadro 6

#### *Estatísticas Descritivas dos Itens do QPC-VC*

Item	<i>M (DP)</i>	Assimetria	Curtose	Kolmogorov-Smirnov
1	3,05 (2,13)	1,02	0,17	0,20***
2	7,28 (1,86)	- 1,41	1,79	0,21***
3	4,02 (2,82)	0,40	-1,28	0,18***
4	2,85 (2,19)	1,13	0,35	0,23***
5	7,14 (2,02)	-1,17	0,88	0,19***
6	3,96 (2,63)	0,45	-1,05	0,15***
7	7,00 (1,90)	-1,08	0,77	0,19***
8	3,17 (2,45)	0,95	-0,29	0,21***
9	2,75 (2,09)	1,21	0,54	0,22***
10	3,55 (2,40)	0,55	-0,88	0,17***
11	3,46 (2,34)	0,59	-0,65	0,19***

\*\*\*  $p < 0,001$

Na análise da distribuição por fator (Quadro 7), verificou-se através do teste Kolmogorov-Smirnov que a distribuição das respostas diferiu da normal (Field, 2017). Relativamente à assimetria e curtose, foi utilizado o mesmo critério liberal, através do qual se conclui que o fator PSP apresentou uma distribuição assimétrica à esquerda e o fator PCN uma distribuição assimétrica à direita. No que respeita ao achatamento, o fator PSP, apresentou uma distribuição leptocúrtica e o fator PAN uma distribuição platicúrtica (Marôco, 2010).

## Quadro 7

### *Estatísticas Descritivas dos Fatores do QPC-VC*

Fator	<i>M (DP)</i>	Assimetria	Curtose	Kolmogorov-Smirnov
PSP	7,09 (1,66)	-1,14	1,47	0,13***
PAN	3,63 (1,91)	0,24	-1,04	0,08**
PCN	2,79 (1,88)	1,15	0,71	0,17***

\*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$

### **Comparação das Perceções dos Padrões Complementares por Géneros**

Considerando a distribuição não-normal das respostas aos itens, tanto para as mulheres como para os homens, começou por se realizar o teste não-paramétrico de Wilcoxon. Verificando-se que os resultados foram comparáveis aos do teste  $t$  de Student para amostras emparelhadas, apresentamos os resultados deste teste, dado ser mais robusto.

O Quadro 8 indica que as mulheres apenas reconheceram diferenças de género num dos três padrões complementares avaliados, considerando que são elas quem mais tenta iniciar a discussão sobre o problema e os seus companheiros quem mais evita.

## Quadro 8

### *Comparação das Perceções dos Padrões Complementares (Mulheres)*

Itens	<i>M (DP)</i>	$t$	$p$
Eu inicio discussão / Companheiro evita a discussão	3,99 (2,80)	4,18	0,001
Companheiro inicia a discussão / Eu evito a discussão	2,86 (2,19)		
Eu exijo / Companheiro afasta-se	3,18 (2,45)	1,81	0,071
Companheiro exige / Eu afasto-me	2,76 (2,09)		
Eu critico / Companheiro defende-se	3,54 (2,40)	0,54	0,584
Companheiro critica / Eu defendo-me	3,45 (2,35)		

Para o género masculino, houve diferenças significativas em dois padrões complementares: os homens consideraram que são as mulheres quem mais exige e os próprios quem mais se afasta; e também que as mulheres criticam mais, enquanto eles se defendem (cf. Quadro 9).

## Quadro 9

### *Comparação das Perceções dos Padrões Complementares (Homens)*

Item	<i>M (DP)</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Eu inicio discussão / Companheira evita a discussão	3,26 (2,42)	- 1,00	0,317
Companheira inicia a discussão / Eu evito a discussão	3,58 (2,47)		
Eu exijo / Companheira afasta-se	2,45 (1,78)	- 2,07	0,042
Companheira exige / Eu afasto-me	2,95 (2,07)		
Eu crítico / Companheira defende-se	2,95 (2,15)	- 1,97	0,052
Companheira crítica / Eu defendo-me	3,32 (2,37)		

## Discussão

Primeiramente, o presente estudo analisou a estrutura fatorial e as características psicométricas do QPC-VC numa amostra de mulheres portuguesas heterossexuais. Os modelos, originais de Christensen e Heavey e os modelos alternativos desenvolvidos por Futris e colaboradores (2010), apesar de apresentarem algumas semelhanças com a estrutura que obtivemos, não se revelaram totalmente adequados para o contexto português. Assim, propomos a seguinte estrutura de três subescalas: PSP (itens 1, 2, 5 e 7); PAN (itens, 3, 6, 8, 10 e 11); e PCN (itens 4 e 9).

Relativamente às novas designações dos fatores, foram escolhidas tendo em conta o tipo de padrões de comunicação (i.e., complementares ou simétricos) e o seu impacto na relação conjugal (i.e., negativo ou positivo). De acordo com as concetualizações anteriores do QPC-VC os itens 2, 5 e 7 traduzem padrões de comunicação positivos. Contrariamente aos modelos alternativos de Futris et al. (2010), em que o item 1 integrava o padrão E/A, no presente estudo este item foi considerado na subescala PSP, apresentando um alto valor de saturação no fator (0,80) e associando-se negativamente com os restantes itens. Esta associação negativa sugere que as mulheres da amostra percecionam que é desejável não recorrer ao evitamento mútuo. Os quatro itens que compõem a subescala PSP constituem padrões simétricos de interações, incluindo, além do evitamento, a expressão de sentimentos (item 5), a discussão do problema (item 2) e a negociação (item 7), que se têm revelado positivos (Baucom et al., 2015; Caughlin & Huston, 2002; Crenshaw et al., 2016; Feeney & Karantzas, 2017; Sullaway & Christensen, 1983).

O fator PAN (itens, 3, 6, 8, 10 e 11) contemplou itens que, no modelo original, foram

conceitualizados como sendo característicos do padrão ME/HA (itens 3, 8 e 10) e do padrão HE/MA (item 11) e, no modelo alternativo, como específicos do padrão E/A (itens 3, 8) e do padrão C/D (item 6, 10 e 11; Futris et al., 2010). Estudos anteriores demonstraram que cada pessoa reage ao comportamento do companheiro, o que promove a escalada mútua no ciclo de interações negativas (Baucom et al., 2015; Hinnekens et al., 2015; Watzlawick et al., 2014). No mesmo sentido, as exigências, feitas maioritariamente pelas mulheres, tendem a iniciar uma escalada de conflito, onde estas exigem e os homens se afastam diversas vezes, formando uma sequência interacional (Winstok & Smadar-Dror, 2018; Matias et al., 2016; Vanhee et al., 2016). No entanto, esta sequência não é constante, isto é, pode haver alternância entre sequências complementares e, dentro destas, os parceiros podem assumir papéis diferentes – num determinado momento, os homens exigem e as mulheres afastam-se ou vice-versa, dependendo do decurso da comunicação e do que está a ser debatido –; e sequências simétricas, segundo as quais podem ser assumidos comportamentos rígidos, como, por exemplo a expressão de acusações mútuas (item 6), que estimula o conflito (Watzlawick et al., 2014).

Segundo Watzlawick e colaboradores (1967; 2014), na retroalimentação do processo de comunicação, as respostas dadas por ambos os elementos comunicacionais são influenciadas e influenciam o comportamento do outro. Deste modo, concluímos que o fator PAN traduz uma sequência interacional de escalada do conflito (Winstok & Smadar-Dror, 2018), onde os parceiros comunicacionais podem assumir padrões de comunicação complementares e/ou simétricos (Watzlawick et al., 2014).

Por fim, o fator PCN (itens 4 e 9) revelou-se semelhante aos modelos originais e alternativos, definindo-se por um padrão de comunicação complementar, onde predominantemente os homens exigem e as mulheres se afastam, o que também promove insatisfação conjugal (Schrodt et al., 2014). As correlações dos três fatores do QPC-VC com a EAD-R, que avalia a satisfação conjugal, são congruentes com o impacto esperado dos padrões de comunicação na relação conjugal: como visto anteriormente, as subescalas PAN e PCN associaram-se negativamente à satisfação conjugal e a subescala PSP associou-se positivamente.

A análise às qualidades psicométricas do QPC-VC para esta amostra de mulheres portuguesas, suporta uma boa validade de construto, com as três subescalas correlacionadas entre si e com a subescala de padrões de comunicação positivos (PSP) associada negativamente com as de padrões de comunicação negativos (PAN e PCN); uma boa validade convergente,

divergente e discriminante. O  $\alpha$  de Cronbach indicou uma boa consistência interna em todas as subescalas, salientando-se o valor elevado da subescala PSP ( $\alpha = 0,86$ ) que, na análise efetuada por Futris e colaboradores (2010), apresentava valores indesejáveis (IPG:  $\alpha = 0,61$ ). Esta diferença demonstra que a composição portuguesa do fator de padrões de comunicação positivos (que inclui um item adicional) pode ser mais adequada que a original. A distribuição tanto dos fatores quanto dos itens não foi uma distribuição normal, o que nos indica que não está próxima das leis da curva gaussiana (Marôco, 2010).

Dadas as diferenças de género consideradas em diversos estudos relativamente aos padrões complementares (Hess et al., 2016; Matias et al., 2016; Vanhee et al., 2016), quisemos avaliar, com o segundo objetivo do estudo, a perceção de ambos os géneros sobre o envolvimento nesses mesmos padrões. Verificámos que homens e mulheres heterossexuais apresentaram diferenças nas suas perceções. As mulheres consideraram que existem diferenças de género em quem tenta iniciar a discussão sobre o problema, considerando que elas próprias são quem mais se envolve nesse papel, enquanto os homens tentam evitar a discussão. Por seu lado, os homens consideraram que existem diferenças nos padrões exigir/afastar e criticar/defender, considerando que são as mulheres quem mais exige e critica.

Relativamente à diferença percecionada pelas mulheres, podemos colocar a hipótese de estar relacionada com o facto de o género feminino ser quem mais propende à expressão de sentimentos, à procura de mudança dos seus parceiros e a priorizar a qualidade emocional na relação (Feiring et al., 2017; Tannen, 2012; Winstok & Smadar-Dror, 2018; Vanhee et al., 2016). A perceção que as mulheres têm sobre a sua iniciativa nas discussões sobre problemas conjugais pode também estar relacionada com o mal-estar físico e psicológico sentido por elas, encontrado em diversos estudos (Li & Johnson, 2016; Rehman et al., 2010; Uebelacker et al., 2003). Em concordância com a literatura, as diferenças percecionadas pelos homens podem traduzir resistência à mudança derivada da sua posição vantajosa, identificada anteriormente (Christensen, 1988; Jacobson & Christensen, 1996).

Em suma, foi possível perceber que o QPC-VC, para a população feminina portuguesa, permite avaliar sequências interacionais simétricas, complementares e alternadas relacionadas com o ajustamento diádico. Adicionalmente, foi possível constatar que, apesar de estar identificado na literatura que são as mulheres quem mais se envolve no padrão de exigências e críticas, estas não o percecionam dessa forma.

### *Implicações Clínicas*

O treino e desenvolvimento de competências de comunicação é uma das estratégias bastante usadas nas terapias com casais (Gottman, 2004; Tavakolizadeh et al., 2015). As terapias cognitivo-comportamentais no contexto conjugal pretendem identificar áreas de crescimento que ajudem os elementos do casal a ultrapassar as suas dificuldades; identificar cognições, comportamentos e sentimentos que estejam a contribuir para o mal-estar sentido; e planejar objetivos e estratégias apropriadas (Gurman, Lebow, & Snyder, 2015).

A literatura demonstra consistentemente que a comunicação diádica e o padrão individual de comunicação de cada elemento do casal são fatores determinantes nas interações conjugais e na satisfação com a relação (Baucom et al., 2015; Yoo et al., 2013). Desta forma, o QPC-VC auxilia na identificação dos padrões de comunicação que refletem as interações diádicas do casal, avaliando-os como disfuncionais ou funcionais; e possibilita o estabelecimento de objetivos e estratégias mais apropriadas para a intervenção terapêutica, potenciando os padrões funcionais (Christensen, 1988; Gurman et al., 2015; Watzlawick et al., 2014). Posteriormente, permite avaliar também o progresso da intervenção terapêutica (Gurman et al., 2015).

No mesmo sentido, as discrepâncias nas perceções que cada um dos géneros tem sobre o envolvimento de cada elemento do casal em determinado padrão complementar, revela a importância de trabalhar, para além dos comportamentos de cada elemento do casal, as perceções de cada um relativamente aos seus próprios comportamentos e aos do cônjuge, que podem não ser ajustadas e estar na origem do sofrimento sentido na relação.

Não obstante, as conclusões retiradas deste estudo auxiliam também o desenvolvimento de programas que tenham como objetivo principal a promoção do ajustamento diádico. A título de exemplo o *Prevention and Relationship Enhancement Program* tem como principal objetivo a prevenção da insatisfação conjugal através do treino de competências de comunicação (Schilling, Baucom, Burnett, Allen, & Ragland, 2003); e o *The Minnesota Couples Communication Program* tem como objetivo, promover o desenvolvimento de competências de comunicação eficazes no diálogo em torno de questões significativas para o casal (Nunnally, Miller, & Wackman, 1975).

Para além do apoio em contexto de prática clínica, o QPC-VC é também um instrumento que pode ser usado ao nível de investigação, em diversas áreas, principalmente pelas correlações apresentadas anteriormente com o ajustamento diádico.

### *Limitações e Estudos Futuros*

O presente estudo possibilitou a validação do QPC-VC apenas para a população do género feminino, sendo que a versão original contemplou ambos os géneros. Desta forma, a primeira limitação encontrada deste estudo foi a reduzida amostra do género masculino, que impossibilitou a realização de uma análise fatorial para este grupo. Também deve ser sinalizado o facto de a representatividade do género masculino ( $n = 65$ ) ser inferior à do género feminino ( $n = 164$ ), o que pode ter implicações nas comparações das perceções dos géneros sobre o seu envolvimento nos padrões complementares.

Uma vez que este foi um estudo baseado em autorrelatos e heterorrelatos, devemos ter em conta que os resultados obtidos podem ter sido influenciados pela desajustabilidade social e pela memória dos participantes.

Por fim, considera-se uma limitação o facto de a nossa amostra não incluir um grupo clínico (e.g., que esteja a fazer terapia de casal), o que impossibilita a generalização dos resultados para o contexto clínico.

Com base nas limitações previamente apresentadas, sugere-se, para estudos futuros, a continuidade da recolha de amostra para posterior validação do QPC-VC na população portuguesa no seu todo, incluindo pessoas homossexuais, que também não foram contemplados na nossa amostra.

Como mencionado ao longo do trabalho, vários autores referem os papéis de género que os parceiros da interação conjugal assumem. Do mesmo modo, existe literatura que identifica os conflitos que propendem a existir em cada fase do ciclo de vida do indivíduo e da família. Neste sentido, poderia ser interessante avaliar se as respostas ao QPC-VC podem refletir essas mesmas fases, através de estudos que comparem pessoas em diferentes fases.

Relativamente ao segundo objetivo do presente estudo, verificámos que as perceções que os casais têm de estar envolvidos nos padrões de comunicação complementares está bastante inexplorada. Desta forma, consideramos que seria interessante: (1) perceber a associação entre o comportamento de cada elemento do casal e a respetiva perceção; (2) comparar as perceções dos elementos do mesmo casal, para perceber como a pessoa se avalia a si própria e é avaliada pelo parceiro; e (3) identificar o que ambos os elementos do casal entendem ser benéfico para a sua comunicação.

Em suma, o tema da comunicação na conjugalidade tem vindo a ser amplamente estudado. No entanto, ainda existem bastantes variáveis por contemplar, o que possibilitaria a

Tatiana Carvalhal – Padrões de comunicação em casais: Avaliação por questionário e comparação do envolvimento em papéis complementares por género

melhor compreensão deste fenómeno.

## Referências

- Aguiar, J. C. S., Matias, M., Braham, E. J., Fontaine, A. M., & Del Prette, Z. A. P. (2018). An initial study of the internal validity of the portuguese adaptation of the Marital Social-Skills Inventory. *Estudos de Psicologia*, 35, 275-285. doi:10.1590/1982-02752018000300006
- Arias, V. S., & Punyanunt-Carter, N. M. (2017). Family, culture, and communication. In J. F. Nussbaum (Coord.). *Oxford Research Encyclopedia of Communication*. doi:10.1093/acrefore/9780190228613.013.504
- Baucom, K. J., Baucom, B. R., & Christensen, A. (2015). Changes in dyadic communication during and after integrative and traditional behavioral couple therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 65, 18–28. doi:10.1016/j.brat.2014.12.004
- Baucom, B. R., Dickenson, J. A., Baucom, D. H., Fisher, M. S., Atkins, D. C., Weutshoff, S., Hahlweg, K., & Zimmermann, T. (2015). The interpersonal process model of demand/withdraw behavior. *Journal of Family Psychology*, 29 (1), 80-90. doi:10.1037/fam0000044
- Bernecker, K., Ghassemi, M., & Brandstatter, V. (2019). Approach and avoidance relationship goals and couples' nonverbal communication during conflict. *European Journal of Social Psychology*. doi:10.1002/ejsp.2379
- Burrell, N. A., Kartch, F. F., Allen, M., & Hill, C. B. (2014). A meta-analysis of demand/withdraw interaction patterns. In N. A. Burrell, M. Allen, B. M. Gayle, & R. W. Preiss (Eds.), *Managing interpersonal conflict: Advances through meta-analysis*. Nova Iorque: Routledge.
- Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. H. (1995). A revision of the dyadic adjustment scale for use with distressed and nondistressed couples: Construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21 (3), 289-308. doi:10.1111/j.1752-0606.1995.tb00163.x
- Campbell, S. B., Renshaw, K. D., & Klein, S. R. (2017). Sex differences in associations of hostile and non-hostile criticism with relationship quality. *The Journal of Psychology*, 1-15. doi:10.1080/00223980.2017.1305324
- Canary, D., & Stafford, L. (1994). *Communication and relational maintenance*. San Diego: Academic press.
- Caughlin, J. P., & Huston, T. L. (2002). A contextual analysis of the association between demand/withdraw and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 9 (1), 95-119.

doi:10.1111/1475-6811.00007

Christensen, A. (1988). Dysfunctional interaction patterns in couples. In Naller, P. & Fitzpatrick, M. A. *Perspectives on marital interaction*. Filadélfia: Multilingual Matters.

Christensen, A., & Eldridge K. A. (2009). Demand-withdraw communication during couple conflict: A review and analysis. In Noller, P. & Feeney, J. A. *Understanding marriage*. Inglaterra: Cambridge University Press.

Christensen, A., Eldridge, K. A., Jones, J., Sevier, M., & Atkins, D. C. (2007). Demand-Withdraw communication in severely distressed, moderately distressed, and nondistressed couples: Rigidity and polarity during relationship and personal problem discussions. *Journal of Family Psychology*, 21 (2), 218-226. doi:10.1037/0893-3200.21.2.218

Christensen, A., & Heavey, C. L. (1990). Gender and social structure in the demand/withdraw pattern of marital conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (1), 73-81.

Christensen, A., & Shenk, J. L. (1991). Communication, conflict, and psychological distance in nondistressed, clinic, and divorcing couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59 (3), 458-463.

Costello, A. B., & Osborne, J. W. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: Four recommendations for getting the most from your analysis. *Practical assessment, research & evaluation*, 10.

Crenshaw, A. O., Christensen, A., Baucom, D. H., Epstein, N. B., & Baucom, B. R. W. (2016). Revised scoring and improved reliability for the Communication Patterns Questionnaire. *Psychological Assessment*, 29 (7), 913-925. doi:1037/pas0000385

DeVellis, R. F. (2017). *Scale development: Theory and applications* (4<sup>a</sup> ed.). Thousand Oaks: Sage.

Donato, S., Parise, M., Iafrate, R., Bertoni, A., Finkenauer, C., & Bodenmann, G. (2015). Dyadic coping responses and partners' perceptions for couple satisfaction: An actor-partner interdependence analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 32 (5), 580-600. doi:10.1177/0265407514541071

Doss, B. D., Simpson, L. E., & Christensen, A. (2004). Why do couples seek marital therapy?. *Professional Psychology: Research and Practice*, 35, 608-614.

Dovala, T., Hawrilenko, M., & Cordova, J. V. (2018). Implicit theories of relationships and conflict communication patterns in romantic relationships: A dyadic perspective. *Journal*

*of Relationships Research*, 9, 1-9. doi:10.1017/jrr.2018.11

Ebrahimi, E., & Kimiaei, S. A. (2014). The study of the relationship among marital satisfaction, attachment styles, and communication patterns in divorcing couples. *Journal of Divorce & Remarriage*, 55, 451-463. doi:10.1080/10502556.2014.931759

Feeney, J. A., & Karantzas, G. C. (2017). Couple conflict: insights from an attachment perspective. *Current Opinion in Psychology*, 13, 60-64. doi:10.1016/j.copsy.2016.04.017

Feiring, C., Milaniak, I., Simon, V. A., & Clisura, L. (2017). Gender and negative emotion during narratives about romantic conflict: Links to conflict strategies. *Journal of Relationships Research*, 8 (7), 1-12. doi:10.1017/jrr.2017.9

Field, A. (2017). *Discovering statistics using IBM SPSS*. Reino Unido: Sage.

Finch, W. H., Immekus, J. C., & French, B. F. (2016). *Applied psychometrics using SPSS and AMOS*. Charlotte: Information Age.

Fincham, F. D., Paleari, F. G., & Regalia, C. (2009). Measuring offence-specific forgiveness in marriage: The marital offence-specific forgiveness scale (MOFS). *Psychological Assessment*, 21 (2), 194-209. doi:10.1037/a0016068

Futris, T. G., Campbell, K., Nielsen, R. B., & Burwell, S. R. (2010). The communication patterns questionnaire—short form: A review and assessment. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 18, 275-287. doi:10.1177/1066480710370758

Gadassi, R., Bar-Nahum, L. E., Newhouse, S., Anderson, R., Heiman, J. R., Rafaeli, E., & Janssen, E. (2015). Perceived partner responsiveness mediates the association between sexual and marital satisfaction: A daily diary study in newlywed couples. *Archives of Sexual Behavior*. doi:10.1007/s10508-014-0448-2

Gasbarrini, M. F., Snyder, D. K., Iafrate, R., Bertoni, A., Donato, S., & Margola, D. (2015). Investigating the relation between shared stressors and marital satisfaction: The moderating effects of dyadic coping and communication. *Family Science*, 6 (1), 143-149. doi:10.1080/19424620.2015.1082044

Goldsmith, D. J., & Domann-Scholz, K. (2013). The meanings of “open communication” among couples coping with a cardiac event. *Journal of Communication*, 63, 266-286. doi:10.1111/jcom.12021

Gottman, J. M. (1979). *Empirical investigations of marriage*. Nova Iorque: Academic Press.

Gottman, J. M. (1994). *What predicts divorce? The relationship between marital*

*processes and marital outcomes*. Nova Iorque: Psychology Press.

Gottman, J. M., Coan, J., Carrere, S., & Swanson, C. (1998). Predicting marital happiness and stability from newlywed interactions. *Journal of Marriage and Family*, 60 (1), 5–22. doi:10.2307/353438

Gottman, J. M., & Gottman, J. S. (2015). Gottman Couple Therapy. In Gurman, A. S., Lebow, J. L. & Snyder, D. K., *Clinical handbook of couple therapy*. Nova Iorque: Guilford.

Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: A longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57 (1), 47–52. doi:10.1037/0022-006X.57.1.47

Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (1988). *The social psychophysiology of marriage*. Inglaterra: Multilingual Matters, Ltd.

Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (2000). The timing of divorce: Predicting when a couple will divorce over a 14-year period. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 737-745. doi:10.1111/2Fj.1741-3737.2000.00737.x

Gurman, A. S., Lebow, J. L., & Snyder, D. K. (2015). *Clinical handbook of couple therapy*. Nova Iorque: Guilford.

Heavey, C. L., Layne, C., & Christensen, A. (1993). Gender and conflict structure in marital interaction: A replication and extension. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61 (1),16-27. doi:10.1037/0022-006X.61.1.16

Heavey, C. L., Christensen, A., & Malamuth, N. M. (1995). The longitudinal impact of demand and withdrawal during marital conflict. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 63 (5), 797-801. doi:10.1037/0022-006X.63.5.797

Hess, U., Senécal, S., Kirouac, G., Herrera, P., Philippot, P., & Kleck, R. E. (2000). Emotional expressivity in men and women: Stereotypes and self-perception. *Cognition and Emotion*, 14, 609-642. doi:10.1080/02699930050117648

Hess, U., Shlomo, D., & Shlomo, H. (2016). Emotional restraint is good for men only: The influence of emotional restraint on perceptions of competence. *Emotion*, 16, 208–213. doi:10.1037/emo0000125

Hinneken, C., Ickes, W., Schryver, M., & Verhofstadt, L. L. (2015). Demand behavior and empathic accuracy in observed conflict interactions in couples. *The Journal of Social Psychology*. doi:10.1080/00224545.2015.1115386

Hofmann, S. G., & Kashdan, T. B. (2009). The affective style questionnaire:

Development and psychometric properties. *Journal of Psychopathology Behavior Assessment*, 32 (2), 55-263. doi:10.1007/s10862-009-9142-4

Holley, S. R., Haase, C. M., Chui, I., & Bloch, L. (2017). Depression, emotion regulation, and the demand/withdraw pattern during intimate relationship conflict. *Journal of Social and Personal Relationships*, 1-23. doi: 10.1177/0265407517733334

Howard, M. C. (2016). A review of exploratory factor analysis decisions and overview of current practices: What we are doing and how can we improve?. *International Journal of Human-Computer Interaction*, 32, 51-62. doi:10.1080/10447318.2015.1087664

Houck, J. W., & Daniel, R. W. (1994). Husbands' and wives' views of the communication in their marriages. *Journal of Humanistic Education and Development*, 33, 21-31.

Jacobson, N. S., & Christensen, A. (1996). *Integrative couple therapy: Promoting acceptance and change*. Nova Iorque: W. W. Norton & Co.

Knight, K., & Alberts, J. K. (2018). Response thresholds and demand/withdraw communication in domestic labor conflict. *Journal of Family Communication*, 18 (2), 110-123. doi:10.1080/15267431.2018.1427588

Lavner, J. A., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2016). Does couples' communication predict marital satisfaction, or does marital satisfaction predict communication?. *Journal of Marriage and Family*, 78, 680-694. doi:10.1111/jomf.12301

Li, P. F., & Johnson, L. N. (2016). Couples' depression and relationship satisfaction: Examining the moderating effects of demand/withdraw communication patterns. *Journal of Family Therapy*. doi: 10.1111/1467-6427.12124

Liu, E., & Roloff, M. E. (2015). To avoid or not to avoid: When emotions overflow. *Communication Research Reports*, 32, 332-339. doi:10.1080/08824096.2015.1089849

Matias, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2016). The interplay of gender, work and family in Portuguese families. *Pluto Journals*, 6 (1), 11-26.

Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW Statistics*. Pêro Pinheiro: Report Number.

Meeusen, C. (2014). The intergenerational transmission of environmental concern: The influence of parents and communication patterns within the family. *The Journal of Environmental Education*, 45, 77-90. doi:10.1080/00958964.2013.846290

Meyers, L. S., Gamst, G., & Guarino, A. J. (2017). *Applied multivariate research: Design and interpretation* (3.a ed.). Thousand Oaks: Sage.

Moreira, J. M., Lind, W., & Santos, M. J. (2006). *Attachment style and marital satisfaction in a portuguese sample: Differences in patterns according to gender*. Consultado em [https://www.researchgate.net/profile/Joao\\_Moreira2/publication/266572762](https://www.researchgate.net/profile/Joao_Moreira2/publication/266572762)

Molero, F., Shaver, P. S., Fernández, I., Alonso-Arbiol, I., & Recio, P. (2016). Long-term partners' relationship satisfaction and their perceptions of each other's attachment insecurities. *Personal Relationships*, 23, 159-171. doi:10.1111/pere.12117

Nunnally, E. W., Miller, S., & Wackman, D. B. (1975). The minnesota couple communication program. *Small Group Behavior*, 6 (1), 57-71.

Overall, N. C., Simpson, J. A., Fletcher, G. J. O., & Fillo, J. (2015). Attachment insecurity, biased perceptions of romantic partners' negative emotions, and hostile relationship behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 108, 730-749. doi:10.1037/a0038987

Pallant, J. (2016). *SPSS Survival manual* (6.<sup>a</sup> ed.). Nova Iorque: Open University Press.

Palomares, N. A., & Derman, D. (2016). Topic avoidance, goal understanding, and relational perceptions: experimental evidence. *Communication Research*, 1-22. doi:10.1177/0093650216644649

Pereira, M., Moura-Ramos, M., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2017, Julho). *Psychometric properties of the Revised Dyadic Adjustment Scale (RDAS) in a sample of couples: Testing the factorial invariance across gender*. Comunicação oral apresentada em, EPCA 14, Lisboa.

Pickover, A. M., Lipinski, A. J., Dodson, T. S., Tran, H. N., Woodward, M. J., & Beck, J. G. (2017). Demand/withdraw communication in the context of intimate partner violence: Implications for psychological outcomes. *Journal of Anxiety Disorders*. doi:10.1016/j.janxdis.2017.07.002

Rehman, U. S., Ginting, J., Karimiha, G., & Goodnight, J. A. (2010). Revisiting the relationship between depressive symptoms and marital communication using an experimental paradigm: The moderating effect of acute sad mood. *Behaviour Research and Therapy*, 48, 97-105. doi:10.1016/j.brat.2009.09.013

Rehman, U. S., & Hotzworth, A. (2008). A cross-cultural examination of the relation of marital communication behavior to marital satisfaction. *Department of Psychology*, 12, 145-173.

Reznik, R. M., Miller, W. C., Roloff, M. E., & Gaze, C. M. (2015). The impact of demand/withdraw patterns on health in emerging adults' serial arguments with parents.

*Communication Research Reports*, 32, 35-44. doi: 10.1080/08824096.2014.989973

Sayers, S. L., & Baucom, D. H. (1991). Role of femininity and masculinity in distressed couples' communication. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (4), 641-647. doi:10.1037/0022-3514.61.4.641

Schiling, E. A., Baucom, D. H., Burnett, C. K., Allen, E. S., & Ragland, L. (2003). Altering the course of marriage: The effect of PREP communication skills acquisition on couples' risk of becoming maritally. *Journal of Family Psychology*, 17 (1), 41-53. doi:10.1037/0893-3200.17.1.41

Schrodt, P., Witt, P. L., & Shimkowski, J. R. (2014). A meta-analytical review of the demand/withdraw pattern of interaction and its associations with individual, relational, and communicative outcomes. *Communication Monographs*, 81, 28-58. doi:10.1080/03637751.2013.813632

Sullaway, M., & Christensen, A. (1983). Assessment of dysfunctional interaction patterns in couples. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 653-660. doi:10.2307/351670

Tannen, D. (2012). Genderlect styles. In Griffin, E. M. *A first look at communication theory* (8.<sup>a</sup> ed.). Nova Iorque: McGraw-Hill.

Tavakolizadeh, J., Nejatian, M., & Soori, A. (2015). The effectiveness of communication skills training on marital conflicts and its different aspects in woman. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 171, 214 – 221. doi:10.1016/j.sbspro.2015.01.112

Uebelacker, L. A., Courtnage, E. S., & Whisman, M. A. (2003). Correlates of depression and marital dissatisfaction: Perceptions of marital communication style. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20 (6), 757-769. doi:10.1177/0265407503206003

Vanhee, G., Lemmens, M. D., Stas, L., Loeys, T., & Verhofstadt, L. (2016). Why are couples fighting? A need frustration perspective on relationship conflict and dissatisfaction. *Journal of Family Therapy*. doi:10.1111/1467-6427.12126

Watzlawick, P. (2012). The interactional view. In Griffin, E. M. *A first look at communication theory* (8.<sup>a</sup> ed.). Nova Iorque: McGraw-Hill.

Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1967). *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Editora Culturix.

Watzlawick, P., Bavelas, J. B., & Jackson, D. D. (2014). *Pragmatics of human communication: a study of interactional patterns, pathologies, and paradoxes*. Nova Iorque: W.W. Norton & Company.

Winstok, Z., & Smadar-Dror, R. (2018). Gender, escalatory tendencies, and verbal aggression in intimate relationship. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-18.

Yoo, H., Bartle-Haring, S., Day, R. D., & Gangamma, R. (2013). Couple communication, emotional and sexual intimacy, and relationship satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 40, 275-293. doi:10.1080/0092623X.2012.751072

## **Anexos 1**

### *Consentimento Informado*

#### **In)adaptação na conjugalidade: Avaliação e identificação de preditores**

##### **Quem é o responsável pelo estudo?**

Este estudo está a ser realizado no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa). O projeto é coordenado pela Professora Bárbara Nazaré.

##### **O que se pretende com este estudo?**

É frequente que as pessoas sintam algumas dificuldades nas suas relações amorosas. Com este estudo, pretendemos conhecer melhor a vivência de adultos portugueses envolvidos numa relação amorosa. Deste modo, poderemos desenvolver ações de prevenção ou intervenção, com o objetivo de apoiar os casais que tenham dificuldades acentuadas.

##### **Quem pode participar no estudo?**

Todas as pessoas com 18 anos ou mais, de nacionalidade portuguesa e residentes em Portugal, que tenham atualmente uma relação amorosa (namoro, união de facto, casamento).

##### **Em que consiste a participação no estudo?**

Trata-se de uma participação voluntária, que consiste no preenchimento de questionários sobre a relação amorosa e algumas características suas (por exemplo, como lida com as suas emoções). Esta tarefa dura cerca de 15 minutos. A participação no estudo não comporta custos nem é recompensada monetariamente. O único risco que pode advir da sua participação consiste na possibilidade de sentir emoções como tristeza ou ansiedade, relacionadas com o tópico do estudo. Se tal se verificar, poderá entrar em contacto com a investigadora responsável (Bárbara Nazaré: [barbara.nazare@ulusofona.pt](mailto:barbara.nazare@ulusofona.pt)), que, se necessário, poderá orientá-lo/a para acompanhamento psicológico.

##### **Que direitos têm os participantes?**

Os participantes têm o direito de recusar participar no estudo. Caso aceitem participar, poderão desistir do estudo a qualquer momento, sem necessidade de justificar a sua decisão. A eventual desistência não terá consequências negativas.

##### **Como é que os dados recolhidos serão utilizados?**

Toda a informação recolhida será anónima e confidencial. Não será recolhida informação que permita identificar os participantes. Os dados obtidos serão destinados apenas a tratamento estatístico e analisados em grupo.

##### **Como poderei entrar em contacto com a investigadora?**

Através de email: [barbara.nazare@ulusofona.pt](mailto:barbara.nazare@ulusofona.pt) (Bárbara Nazaré). Poderá contactar caso pretenda mais

Tatiana Carvalhal – Padrões de comunicação em casais: Avaliação por questionário e comparação do envolvimento em papéis complementares por género

informações sobre o estudo.

Sim, aceito participar neste estudo.

Assinatura:

\_\_\_\_\_

Data:

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_